



Arbusto ou pequena árvore perene, de folhas compostas e espigas grandes, amarelo-esbranquiçadas.

Nome científico: *Paraserianthes lophantha* (Willd.) I.C. Nielsen

Nomes vulgares: albízia, giesta

Família: Fabaceae (Leguminosae)

Estatuto em Portugal: espécie invasora

Nível de risco: 14 | Valor obtido de acordo com um protocolo adaptado do Australian Weed Risk Assessment (Pheloung et al. 1999), segundo o qual valores acima de 6 significam que a espécie tem risco de ter comportamento invasor no território Português | Atualizado em 30/09/2015.

Sinónímia: *Albizia lophantha* (Will.) Benth.

Data de atualização: 05/10/2015

Ajude-nos a mapear esta espécie na nossa plataforma de ciência cidadã.

Como reconhecer

Arbusto ou pequena árvore de até 6 m; ritidoma liso, cinza-escuro, fissurado quando velho.

Folhas: perenes, alternas, recompostas, de 12-23 cm de comprimento, com 8-13 pares de pínulas, por sua vez com 15-40 pares de folíolos oblongos, assimétricos e mucronados, estes com 4-10 x 1-4 mm, verde-escuros na página superior e bastante mais claros na página inferior.

Flores: amarelo-esbranquiçadas reunidas em espigas de 4-8 cm de comprimento, frequentemente reunidas em grupos de 2.

Frutos: vagens castanho-escuras, comprimidas, retas, oblongas, com 8-12 x 1,5-2,5 cm e 6-12 sementes pretas.



Pormenor das folhas recompostas

***Paraserianthes lophantha* (albizia)**

Floração: julho a agosto.

Espécies semelhantes

Albizia julibrissin Durazz. (*albizia-de-constantinopla*) tem alguma semelhança, mas forma uma árvore maior, tem folhas maiores (com mais pínulas e folíolos, os quais são falciformes), flores rosadas reunidas em capítulos e vagens com forma mais irregular. *Jacaranda mimosaefolia* D. Don (*jacarandá*) também tem alguma semelhança mas tem folhas oposto-cruzadas, flores azul-violeta e os frutos são cápsulas achatadas de forma suborbicular.

Características que facilitam a invasão

Reproduz-se por via seminal produzindo muitas sementes. As sementes são dispersas pelo vento e por animais, sobretudo por aves e formigas. Germina intensivamente após a passagem do fogo.

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO

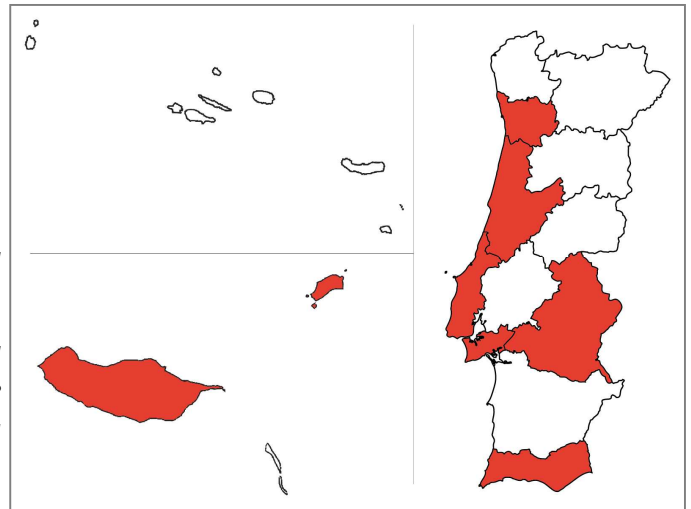
Área de distribuição nativa

Austrália.

Distribuição em Portugal

Portugal continental (Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo, Algarve), arquipélago da Madeira (ilhas da Madeira e Porto Santo).

Para verificar localizações mais detalhadas desta espécie, verifique o [mapa interactivo online](#). Este mapa ainda está incompleto - precisamos da sua ajuda! Contribua submetendo registos de localização da espécie onde a conhecer.



Outros locais onde a espécie é invasora

Europa (Espanha), África do Sul, América do Norte (EUA), algumas regiões da Austrália, Nova Zelândia.

Razão da introdução

Para fins ornamentais e abrigos.

mbientes preferenciais de invasão

Zonas áridas e perturbadas.

IMPACTES

Impactes nos ecossistemas

Pode formar povoamentos densos impedindo o desenvolvimento da vegetação nativa.

Produz muita folhada rica em azoto, que promove a alteração do solo.

Impactes económicos

Potencialmente, custos elevados na aplicação de metodologias de controlo.

CONTROLO

O controlo de uma espécie invasora exige uma gestão bem planeada, que inclua a determinação da área invadida, identificação das causas da invasão, avaliação dos impactes, definição das prioridades de intervenção, seleção das metodologias de controlo adequadas e sua aplicação. Posteriormente, será fundamental a monitorização da eficácia das metodologias e da recuperação da área intervencionada, de forma a realizar, sempre que necessário, o controlo de seguimento.

As metodologias de controlo usadas em *Paraserianthes lophantha* incluem:

Controlo físico

Arranque manual: metodologia preferencial para plântulas e plantas jovens. Em substratos mais compactados, o arranque deverá ser realizado na época das chuvas de forma a facilitar a remoção do sistema radicular.

Corte: metodologia preferencial para plantas adultas. Corte do tronco tão rente ao solo quanto possível com recurso a equipamentos manuais e/ou mecânicos. Deve ser realizado antes da maturação das sementes.

Controlo biológico

O gorgulho *Melanterius servulus* Pascoe (Coleoptera: Corculionidae), que se alimenta das sementes, é também usado com sucesso na África do Sul desde 1989 para controlo desta espécie.

Este agente não foi ainda testado em Portugal, de forma a verificar a sua segurança relativamente às espécies nativas, pelo que a sua utilização ainda não constitui uma alternativa no nosso país.

Fogo controlado

Pode ser utilizado estrategicamente com o objetivo de estimular a germinação do banco de sementes, e.g., após controlo dos indivíduos adultos (com a gestão adequada da biomassa resultante) ou para eliminação de plantas jovens. Tem como grande vantagem a redução do banco de sementes, quer destruindo uma parte das sementes quer estimulando a germinação das que ficam.

Visite a página [Como Controlar](#) para informação adicional e mais detalhada sobre a aplicação correta destas metodologias.

Para mais informações, visite a página www.invasoras.pt e/ou contacte-nos para invader@uc.pt.

REFERÊNCIAS

Agricultural Research Council - Plant Protection Research Institute - Weed Research Division (2014) Management of invasive alien plants: A list of biocontrol agents released against invasive alien plants in South Africa. Disponível: <http://www.arc.agric.za/arc-ppri/Documents/WebAgentsreleased.pdf> [Consultado 16/10/2014].

Dennill GB, Donnelly D, Stewart K, Impson FAC (1999) Insect agents used for the biological control of Australian Acacia species and *Paraserianthes lophantha* (Willd.) Nielsen (Fabaceae) in South Africa. African Entomology: Memoir no.1: 45-54.

Marchante E, Freitas H, Marchante H (2008) Guia prático para a identificação de plantas invasoras de Portugal Continental. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 183pp.

Osorio VEM, de la Torre WW, Jardim R, Silva L (2008) *Paraserianthes lophantha* (Willd.) I.C. Nielsen In: Silva L, Land EO, Luengo JLR (eds) Flora e fauna terrestre invasora na Macaronésia. Top 100 nos Açores, Madeira e Canárias. Arena, Ponta Delgada, pp. 285-287.

Pheloung, P.C., Williams, P.A., Halloy, S.R., 1999. A weed risk assessment model for use as a biosecurity tool evaluating plant introductions. *Journal of Environmental Management*. 57: 239-251.